

# ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Biegging

Raul Inácio Busarello

Landressa Schiefelbein

ISBN 978-85-7221-581-7

2026

*Shirlei Tiara de Souza Moreira  
Izabela Carneiro Almeida*

## PERSPECTIVAS BAIANAS SOBRE O ENSINO DE INGLÊS PARA SURDOS: UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-581-7

### **RESUMO:**

Este estudo analisa a produção acadêmica sobre o ensino de língua inglesa para alunos surdos no estado da Bahia, buscando as principais metodologias de pesquisa empregadas, os desafios enfrentados no contexto educacional e as estratégias pedagógicas desenvolvidas para promover a inclusão. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, descritiva e crítica e foi realizada por meio da análise bibliográfica de trabalhos publicados nos últimos dez anos em instituições públicas baianas. Os dados foram organizados em três eixos: metodologias de pesquisa, desafios e estratégias pedagógicas e contribuições para o campo. Os resultados evidenciaram uma lacuna significativa na produção científica estadual sobre a temática, que está concentrada em poucos pesquisadores e em uma única instituição, além de apontarem desafios estruturais, formativos e metodológicos. Conclui-se que, apesar das limitações, os estudos analisados apresentam contribuições relevantes, especialmente quanto ao uso da abordagem bilíngue, de recursos visuais e de sequências didáticas adaptadas, indicando caminhos promissores para a consolidação de práticas mais inclusivas.

**Palavras-chave:** ensino de inglês; educação de surdos; libras; inclusão; Bahia.

## INTRODUÇÃO

A educação para surdos no Brasil tem passado por significativas mudanças, especialmente após o crescimento das discussões a respeito da inclusão, do Bilinguismo e da necessária democratização do uso da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, que está cada vez mais disponível através dos seus intérpretes, ainda que timidamente. Neste contexto, evidencia-se a necessidade de implementar e qualificar o ensino de línguas adicionais para as pessoas surdas. A língua inglesa, reconhecida como franca e de extrema relevância em um mundo em constante processo de globalização, é obrigatória nos currículos das escolas básicas e, portanto, a língua adicional mais comum ensinada às pessoas surdas.

Contudo, apesar do crescimento dessas discussões, o ensino de Inglês para surdos ainda se apresenta como um campo marcado por desafios pedagógicos, linguísticos e estruturais que dificultam a efetivação de uma relação de ensino-aprendizagem significativa que, muitas vezes, se torna limitada, fragmentada e, em alguns contextos, até mesmo excludente, impondo obstáculos para o aprendizado do idioma para alunos surdos.

Tal problemática revela a necessidade de investigações neste escopo, que busquem mapear os desafios e apresentar soluções e estratégias pedagógicas eficazes para serem aplicadas no contexto levando em consideração os diferentes fatores humanísticos, culturais e regionais envolvidos no processo. Diante disso, desenvolvemos uma revisão bibliográfica qualitativa, de natureza descritiva, observacional e crítica, que tem como objetivo analisar trabalhos desenvolvidos sobre o ensino de inglês para surdos em instituições baianas, nos últimos dez anos, identificando tendências metodológicas, lacunas na produção científica e contribuições para o avanço de práticas pedagógicas mais inclusivas e alinhadas às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda do estado.

Para isso, estabelecemos algumas perguntas para conduzir nosso estudo, a saber: Quais as principais metodologias de pesquisa empregadas no campo? Quais os principais desafios localizados que são enfrentados pelos educadores, alunos e profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem para surdos no estado da Bahia? Quais metodologias e estratégias pedagógicas têm sido criadas e utilizadas para superar estes desafios? E, por fim, de que maneira esses estudos têm contribuído para a melhoria do ensino nesse contexto? Essas respostas podem contribuir para ampliar e aprofundar as discussões a respeito da temática no estado da Bahia, fortalecendo a área e fornecendo um panorama das pesquisas já realizadas, das possíveis fragilidades e potenciais que já foram estabelecidos em seus achados, desvelando o que ainda precisa ser investigado e aprofundado.

O capítulo está estruturado em seções que inicialmente discutem os modelos de percepção da surdez e os caminhos da educação de surdos no Brasil, contextualizando historicamente o debate. Em seguida, abordamos o encontro entre Libras, português e inglês na sala de aula, destacando os desafios do ensino de língua inglesa para alunos surdos. Posteriormente, apresentamos a metodologia adotada na pesquisa, seguida da análise dos resultados encontrados nas produções selecionadas. Por fim, as considerações finais, nas quais se discutem as principais contribuições do estudo e as perspectivas para futuras investigações no estado da Bahia.

## MODELOS DE PERCEPÇÃO DA SURDEZ E OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: DO MODELO MÉDICO-CLÍNICO AO SOCIOANTROPOLÓGICO

Preliminarmente, precisamos compreender que “a surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons.

Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição” (Brasil, 2006, p. 19), podendo elas ser: parcialmente surdas, com surdez leve ou moderada; ou surdas, surdez severa a profunda (Brasil, 2006). Entretanto, a surdez nem sempre foi conceituada dessa maneira, conforme apontado por Aranha (2005, p. 67), “os pontos de vista sobre a surdez variam de acordo com as diferentes épocas e os grupos sociais nos quais são produzidos”. Estas diferentes óticas da surdez dão origem a diferentes ações sociais, que podem limitar ou ampliar o exercício de cidadania das pessoas surdas (Aranha, 2005).

Essas diferenças afetam diretamente a vida das pessoas surdas e a maneira como eram e são tratadas em instituições sociais, especialmente nas que prestam o atendimento de saúde e de ensino, impondo desafios que perduram até hoje na educação das pessoas surdas. Uma das primeiras concepções a respeito da surdez e da deficiência tinha relação direta com a religião e, segundo Oliveira (2025, p. 36), “nessa concepção, a surdez era vista como um castigo divino”. Portanto, amparados nessas crenças, não havia preocupações ou esforços para garantir a educação ou promover a inclusão social de pessoas com deficiência, inclusive os surdos, o que resultava, na maioria das vezes, na marginalização e na segregação desses indivíduos, já que eram frequentemente excluídos do convívio religioso, social e econômico (Oliveira, 2025).

Com o iluminismo e o avanço da ciência, passou-se a enxergar a surdez a partir de um ponto de vista científico e a buscar metodologias para lidar com ela de diferentes formas. Nesse período, especialmente na França, surgiram métodos eficazes como o de *L'Épée*, que valorizava a comunicação visual na educação do grupo e que segundo Oliveira (2025, p. 38): “permitiram que os alunos surdos aprendessem a ler, escrever e se expressar em sinais, promovendo sua inclusão social e intelectual.”

Entretanto, foi um período de intensos enfrentamentos entre os estudiosos que defendiam o uso da língua de sinais, e os adeptos das metodologias oralistas. Em 1880, no Congresso Internacional de Milão ficou decidido que a educação oralista seria o método de ensino mais adequado para surdos, levando à proibição, em muitos locais, do uso da língua de sinais na escola (Oliveira, 2025).

Essa decisão repercutiu na educação de surdos, segundo Dorziat (2004, p. 88):

As escolas voltadas para alunos surdos têm enfrentado grandes dificuldades em se organizarem como espaços, primordialmente, de ensino e aprendizagem. Essa dificuldade é produto de uma visão clínico-reabilitadora, em que os surdos, considerados portadores de uma patologia, deveriam aprender a expressar-se oralmente, se quisessem vislumbrar alguma participação na sociedade. Nesse contexto, eram desconsideradas discussões que contemplassem as questões pedagógicas (para quem ensinar; onde ensinar; o que ensinar; como ensinar; quando ensinar; para que ensinar) (Dorziat, 2004, p. 88).

Nessa perspectiva, a surdez era vista como uma doença a ser tratada e, portanto, todas ações voltadas para os indivíduos surdos deveriam ser focadas em torná-los o mais próximo possível de uma pessoa, considerada no período, "normal". Não sendo considerada, como mencionado pela autora, a questão pedagógica, já que o objetivo era fazer o surdo falar e, muito menos, os aspectos sociais e culturais do grupo.

Além disso, como afirma Oliveira (2025), essa decisão teve fortes repercussões como, por exemplo, a marginalização da cultura e da identidade dos surdos, o que dificultou o acesso a uma educação de qualidade. Apesar de ter ajudado a desenvolver habilidades importantes para os surdos, essa proposta foi fortemente criticada.

Entre as críticas à abordagem, destacamos o quanto ela reforçava as desigualdades sociais e educacionais. Isso acontecia,

pois, segundo Silva (2005, p. 47) “enquanto o aluno ouvinte ia para a escola em busca de um tipo de saber, o surdo ia para a escola aprender a falar”. Essa abordagem perdurou até a década de 1970, quando surge uma outra proposta, a Comunicação Total, uma abordagem que defendia o uso de todas as formas de comunicação possíveis na educação de surdos e que “o desenvolvimento da linguagem dos surdos deveria acontecer por meio do uso simultâneo do português sinalizado e da oralização” (Oliveira 2025, p. 40).

Contudo, apesar de permitir em sua abordagem o uso de sinalização pelos surdos, essa sinalização não se referia ao uso da LIBRAS, mas sim ao uso da estrutura da língua portuguesa por meio de sinais. Dessa forma, apesar de reconhecer as diferenças dos surdos e tentar encontrar formas de trabalhar com elas para desenvolver o aprendizado do grupo, essa abordagem ainda fazia esforços para adaptar o surdo ao ambiente e não o ambiente para o surdo, sendo a prática baseada nessa abordagem “tão somente uma forma travestida de Oralismo” (Dorziat, 2004, p. 89)

A Comunicação Total, no entanto, não durou muito tempo e logo foi sobreposta pela abordagem do Bilinguismo, utilizada atualmente na educação de surdos. Essa abordagem promoveu não só mudanças educacionais, mas, também, a possibilidade de uma nova concepção da surdez, como afirma Dorziat (2004, p. 89) “subjacente ao uso da língua de sinais, há um novo modo de conceber a surdez e suas implicações sociais”

Nessa abordagem, a surdez, diferentemente do que pregava a filosofia oralista, não é mais vista como uma patologia a ser curada, mas sim como uma diferença na forma de se enxergar e viver no mundo. Nessa concepção, a educação não deve mais tratar o surdo, o adaptando ao ambiente, mas sim, reconhecer essa diferença e adaptar o ambiente para atender a essa diferença e o incluir de forma efetiva valorizando sua cultura, identidade e forma de se comunicar, reforçando a necessidade e a importância do

uso da LIBRAS na educação do grupo. Essa abordagem, segundo Oliveira (2025, p. 43):

É fruto de um longo processo de mobilização social e desenvolvimento de políticas inclusivas. Hoje, apesar dos desafios ainda existentes, há um reconhecimento crescente da importância dessa abordagem para a inclusão efetiva dos surdos na sociedade e para o respeito às suas especificidades linguísticas e culturais.

O crescente reconhecimento das especificidades da comunidade surda foi conquistado a partir de muita luta e de avanços na legislação, conforme discutido por Oliveira (2025). Podemos citar, como exemplos, a Lei n.º 10.436/2002, que legaliza o uso de Libras, a Lei n.º 9.394/96, que defende a inclusão de surdos na educação regular e os asseguram o direito a intérpretes e o suporte necessário, dentre outras (Brasil, 1996; 2002) e a lei n.º 14.191/21 que estabelece a obrigatoriedade das instituições de ensino ofertar um ensino bilíngue para os alunos surdos (Brasil, 2021) e que “reconhece a Libras como a primeira língua dos surdos e o português escrito como a segunda, garantindo que o ensino seja adaptado às necessidades linguísticas dessa comunidade” (Oliveira, 2025, p. 46).

## INGLÊS, LIBRAS E PORTUGUÊS: O ENCONTRO ENTRE TRÊS LÍNGUAS NA SALA DE AULA

No Bilinguismo, o surdo se comunica e entende o mundo primeiro a partir da Libras, para poder assim compreender e aprender o português escrito como uma segunda língua. Segundo Carvalho (2013), esse aprendizado já é um grande desafio considerando que Libras é a língua materna do surdo mesmo que tenha nascido em um país falante de Língua Portuguesa.

Esse contexto pode ser ainda mais desafiador, levando em conta que muitos professores não possuem fluência em Libras e fazem o contato com esses alunos, na maioria dos casos, através do intérprete, dentre outros fatores que tornam a inclusão do surdo na sala de aula regular uma tarefa complexa. Entretanto, a inclusão pode ser ainda mais desafiadora quando o surdo passa a frequentar aulas de inglês.

Nesse contexto, além de estar aprendendo uma segunda língua, o português escrito, estando, na maioria das vezes, ainda em estágios iniciais de aquisição da segunda língua, o surdo é exposto a mais uma língua oralizada, o inglês. Temos, então, a coexistência de três idiomas dentro da sala de aula, o que requer profissionais preparados para mediar os possíveis desafios impostos à(o) estudante surdo.

Nesse cenário, evidencia-se, segundo Oliveira (2025, p. 87), “uma dupla exclusão: a falsa inclusão do aluno surdo e também da LE, pois, embora seu ensino seja obrigatório, não é trabalhado de maneira eficaz para atender às especificidades desses alunos surdos”. Tal fato decorre, entre outros aspectos, pela insuficiência de uma estrutura adequada nas escolas para o ensino de uma língua estrangeira.

Nem sempre as escolas, especialmente as públicas, dispõem de recursos básicos para o ensino de outras línguas de modo geral, como suporte multimídia, livros didáticos, um amparo metodológico adequado, laboratórios e outros materiais. Essa ausência compromete a criação de um local profícuo de aprendizagem, que seja capaz de atender às necessidades específicas desses estudantes e de promover uma inclusão e aprendizagem significativa.

Botelho (2002, p. 68) afirma que “a ausência de uma língua em comum gera a não participação do estudante surdo nas aulas”. Considerando que, infelizmente, a maioria dos professores não domina a Libras e não consegue se comunicar diretamente com o

aluno surdo (Oliveira, 2025), a interação em sala de aula é intermediada pelo intérprete, que interpreta os conteúdos ministrados em uma língua portuguesa para o aluno surdo. Contudo, isso pode ser um problema já que como aponta Oliveira (2025, p. 85):

A formação desse profissional, de modo geral, não inclui a capacitação para trabalhar com a língua inglesa ou outras línguas estrangeiras. Isso ocorre porque a tradução de uma língua oral para uma língua de sinais é um processo complexo, que exigiria um domínio avançado do Inglês e de seus aspectos linguísticos (Oliveira, 2025, p. 85).

Ademais, o emprego de metodologias que são voltadas principalmente para os alunos ouvintes também tem um impacto negativo no aprendizado de alunos surdos (Oliveira, 2025). Estas aulas na maioria das vezes se baseiam no desenvolvimento de uma ou mais das quatro habilidades comunicativas e isso pode ser um fator complicador para o ensino de alunos surdos, já que as habilidades de escuta e fala muitas vezes não são pertinentes a estes alunos (Kühl, 2018).

Há ainda os materiais didáticos que, quando presentes, são formulados para atender as necessidades e a forma de aprender de alunos ouvintes e muitas vezes falham em incluir e facilitar a aprendizagem de alunos surdos, o que pode ser mais um desafio (Oliveira, 2025). Para que o ensino de Inglês para surdos se torne possível e os professores e intérpretes consigam ultrapassar os entraves que se apresentam, é necessário pensar, discuti-los e buscar estratégias e soluções que propiciem um contexto de ensino no qual todos os alunos possam atingir seu potencial máximo e ter acesso aos mesmos direitos.

Portanto, não podemos, nem devemos nos delongar nos desafios, percebê-los é o primeiro passo para superá-los e resolvê-los. É imprescindível entender que ensinar Inglês para o estudante surdo apresenta-se como um "cenário desafiador para o ensino e a aprendizagem de uma LE, mas não impossível" (Oliveira, 2025, p. 87).

## MAPEANDO AS PUBLICAÇÕES BAIANAS: PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é uma revisão bibliográfica e trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, descritiva e crítica, visando identificar as aproximações e distanciamentos dentre os artigos selecionados. Os dados foram apresentados tanto de forma quantitativa quanto qualitativa, ressaltando as semelhanças ou divergências entre os resultados encontrados no estado e as metodologias de pesquisas empregadas, associadas à análise crítica dos dados e das suas contribuições para o campo de estudo.

A análise bibliográfica foi conduzida estritamente de acordo com critérios de seleção e estudo rigorosamente pré-concebidos, a saber: um dos critérios de inclusão estabelecido foi o de contemplar apenas artigos publicados em anais de eventos acadêmicos ou periódicos científicos, teses e dissertações de mestrado ou doutorado e trabalhos de conclusão de curso para garantir o rigor dos dados analisados. Foram contemplados apenas artigos produzidos por pesquisadores vinculados à Universidades Públicas Baianas e que tratem de alguma maneira da temática do ensino de inglês para surdos nos últimos 10 anos.

Como critérios de exclusão, definiu-se artigos que não tenham sido produzidos neste contexto, ou seja, fora de instituições do estado, há mais de 10 anos ou que tratassem de outros aspectos que não se enquadram na temática do ensino de língua inglesa para surdos. A partir destes critérios, utilizou-se bases de dados confiáveis, como a *Scielo*, *Google Scholar* e os repositórios das instituições do estado para localizar os trabalhos que foram estudados.

Para encontrá-los, utilizamos palavras chaves como “ensino-aprendizagem de inglês para surdos”, “ensino de línguas estrangeiras para surdos”, “deficiente auditivo” e “surdos.” Após localizar os

artigos, realizou-se uma busca pela instituição de origem dos textos encontrados e também a busca dos profissionais envolvidos na pesquisa para separar apenas os artigos produzidos no estado da Bahia.

Após constatar a origem dos trabalhos, passamos a fazer uma triagem para analisar o tipo de estudo e os resumos, visando averiguar a confiabilidade das publicações e se estas se enquadram dentro dos critérios estabelecidos para a pesquisa, como, por exemplo, ter como foco o ensino de inglês para surdos.

Em seguida, iniciamos a leitura crítica dos textos selecionados na triagem, dando foco às metodologias de pesquisa utilizadas, aos principais desafios e às estratégias pedagógicas encontradas e apontadas pelos autores. Durante a leitura dos textos, o *corpus* foi organizado em três eixos: (1) metodologia de pesquisa, (2) desafios, estratégias pedagógicas e metodologias de ensino localizadas e (3) contribuições dos trabalhos para a educação de alunos surdos. Utilizando-se os eixos para organizar os dados encontrados em cada uma das pesquisas em bloco facilitando o posterior cruzamento de dados.

A partir da leitura crítica e da análise estruturada em eixos, realizamos uma síntese dos resultados encontrados na literatura, dando destaque aos pontos de convergência e divergência entre os resultados encontrados em cada um dos trabalhos estudados. Em seguida, traçamos uma discussão sobre como as considerações realizadas nesses trabalhos contribuem para o estudo e o desenvolvimento do ensino de línguas estrangeiras para alunos surdos e como eles podem ser ainda mais aprimorados.

Por fim, foi incluída uma análise crítica das lacunas de pesquisa localizadas, bem como, foram propostas sugestões para futuros estudos no estado da Bahia. A análise qualitativa se deu a partir da abordagem de análise de conteúdo, que permitiu uma compreensão aprofundada das metodologias utilizadas, dos desafios

enfrentados pelos educadores e alunos e das soluções propostas, assim como permitiu a identificação dos avanços e das lacunas na área de ensino-aprendizagem de inglês para surdos no estado da Bahia. Resumidamente, para melhor compreensão, apresentamos a estrutura das etapas da pesquisa:

- i. Pesquisa bibliográfica a partir dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.
- ii. Recorte do corpus para análise - triagem dos artigos.
- iii. Leitura crítica do corpus - categorização dos dados.
- iv. Análise e discussão dos resultados.

A seguir, apresentaremos o detalhamento da investigação e os resultados encontrados.

## O QUE É QUE A BAHIA TEM? OLHARES BAIANOS SOBRE O INGLÊS PARA SURDOS

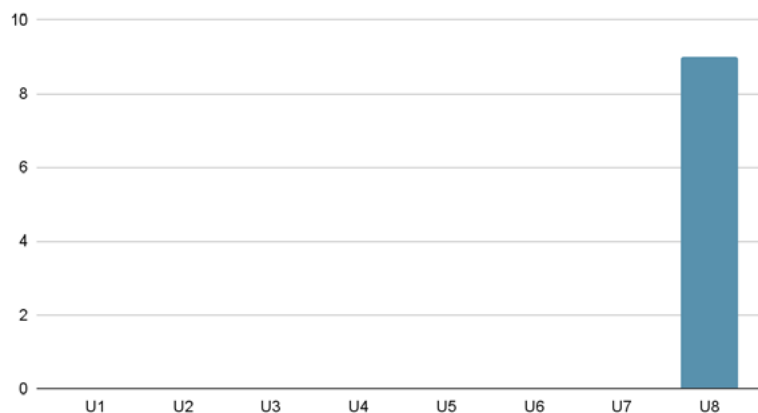
O estado da Bahia conta com oito universidades públicas, sendo quatro federais e quatro estaduais. Das oito universidades, seis oferecem cursos na área de Letras e cinco delas disponibilizam cursos na área de Letras com foco na língua inglesa, seja com currículos de habilitação única em Letras-Inglês ou dupla habilitação em Letras Português-Inglês. Uma delas oferece um curso de licenciatura em Línguas Modernas, no qual o inglês é um dos idiomas abordados, mas não de forma isolada como nas outras universidades.

As outras duas não ofertam cursos de Letras com enfoque na língua inglesa, o que poderia explicar a ausência de trabalhos nessas instituições que atendam aos critérios estabelecidos para

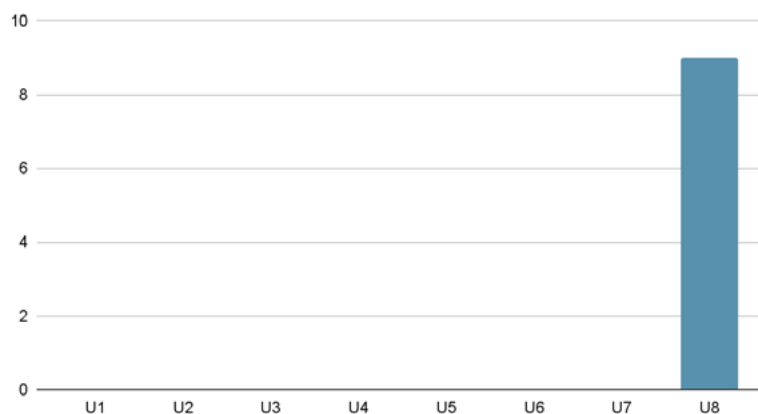
esta pesquisa. No total, foram identificados nove trabalhos que se enquadram nos critérios definidos para a pesquisa nas instituições do estado, conforme ilustrado no gráfico a seguir:

**Gráfico 1 - Número de trabalhos por instituição**

Número de trabalhos por instituição



Número de trabalhos por instituição



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O gráfico evidencia que, embora seis das oito universidades públicas no estado ofereçam cursos na área, apenas uma delas apresenta produções acadêmicas relacionadas à temática de ensino de inglês para surdos, a Universidade 8 (U8), com nove trabalhos.

Dos nove trabalhos encontrados, cinco foram desenvolvidos pela mesma autora, Oliveira (2023, 2024, 2025). Dos cinco, três são trabalhos apresentados em eventos acadêmicos promovidos na instituição, um é uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade pertencente a instituição e o outro é uma sequência didática desenvolvida para a educação de alunos surdos.

Enquanto outros dois foram desenvolvidos por Costa, sendo um deles uma dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino, Linguagem e Sociedade em 2024 e o outro, produzido conjuntamente com Barbosa, a sua orientadora de mestrado, um livro digital que apresenta uma sequência didática para ser aplicada em turmas com estudantes surdos.

Os dois últimos trabalhos localizados foram uma dissertação de mestrado desenvolvida por Luz (2024) no Programa de Pós-graduação em Letras da universidade e um trabalho de conclusão de curso desenvolvido por Silva (2019). Conforme apresentados no quadro:

**Quadro 1 - Catalogação dos Trabalhos**

Título do trabalho	Autor	Ano de publicação	Metodologia de Pesquisa
Leitura para aprendizagem de língua inglesa: uma proposta inclusiva aos alunos surdos	Costa	2024	Pesquisa-ação desenvolvida em uma escola pública no município de Guabim- BA
(Re)desenhando o ensino de leitura em língua inglesa através da sequência didática: um produto educacional inclusivo aos alunos surdos	Costa <i>et al.</i>	2024	Sequência didática desenvolvida a partir da sua dissertação de mestrado

Título do trabalho	Autor	Ano de publicação	Metodologia de Pesquisa
Estratégias didáticas como componente facilitador no ensino e aprendizagem de língua inglesa para alunos surdos na educação básica na cidade de Caetité	Oliveira	2025	Pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa exploratória realizada em uma escola de educação básica localizada em um bairro periférico do Município de Caetité-BA
Seqüência didática de língua inglesa adaptada para alunos surdos em uma perspectiva inclusiva	Oliveira e Carvalho	2025	Seqüência didática desenvolvida a partir da sua dissertação de mestrado
O Ensino e Aprendizagem de Línguas Adicionais para Alunos Surdos	Oliveira e Carvalho	2024	Revisão de literatura de abordagem qualitativa
Estratégias Didáticas como Componente Facilitador no Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa para Alunos Surdos na Educação Básica	Oliveira e Carvalho	2025	Pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa
Formação Docente e Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa para Alunos Surdos	Oliveira	2023	Pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa
Escrita em Língua Inglesa por Alunos Surdos: Influências Advindas da Libras e da Língua Portuguesa	Luz	2024	Pesquisa-ação de abordagem qualitativa desenvolvida no município de Valença-BA
Ensino de Língua Inglesa para Alunos Surdos: uma revisão sistemática	Silva	2019	Revisão sistemática de literatura com abordagem qualitativa

*Fonte: elaborado pelas autoras (2026).*

Os dados revelam que apenas uma entre seis universidades do estado tem produzido trabalhos voltados à temática. O número reduzido de pesquisas produzidas está concentrado em um grupo limitado de autores, como podemos visualizar, menos de dez. Essa restrição, tanto institucional quanto de autores, evidencia uma profunda fragilidade no campo, já que a produção científica a respeito do ensino de inglês para surdos não se distribui de forma ampla pelo sistema acadêmico do estado, permanecendo limitada a poucos pesquisadores em poucos espaços. Tal cenário pode resultar

em consequências estruturais graves para o ensino de inglês para as pessoas surdas.

Se a pesquisa científica não se debruçar no estudo, na análise e na investigação de uma demanda tão urgente, dificilmente teremos uma repercussão positiva e propostas de melhorias para a prática docente. A concentração da produção em um número tão limitado de pesquisadores e instituições pode indicar a falta de incentivo institucional, ausência de linhas de pesquisa consolidadas em programas de mestrado, doutorado ou extensão ou ainda a baixa inserção do tema em eventos científicos locais.

Ademais, a ausência de trabalhos na maioria das universidades revela a possibilidade do não reconhecimento do tema como uma pauta prioritária, não sendo levados aos debates acadêmicos mais amplos, limitando a sua visibilidade e sua capacidade de influenciar políticas públicas para a educação deste grupo.

No que tange os dados e análises qualitativas de dissertação de mestrado de Oliveira (2025), temos uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa exploratória realizada em uma escola de educação básica localizada em um bairro periférico do Município de Caetité-BA. Podemos destacar, no *eixo metodologia da pesquisa*, que ela foi realizada a partir da observação de aulas de inglês em uma turma de 6º ano por dois meses no ano de 2024, totalizando em 16 aulas da disciplina e a partir da aplicação de questionário para o professor da disciplina, o intérprete de LIBRAS e um aluno com surdez severa de 11 anos.

A autora aponta que a decisão de fazer essa pesquisa surgiu a partir de sua vivência em uma escola pública localizada no município de Tanque Novo-BA, já que no local precisou dar aula de inglês para alunos surdos sem a presença de intérpretes e sem saber LIBRAS e nem sobre estratégias para incluir os alunos nas aulas. Diante dessa dificuldade, ela buscou se capacitar e aprender LIBRAS, se tornando três anos depois intérprete da língua no município. Entretanto, segundo

ela, mesmo como intérprete conseguiu perceber a dificuldade dos professores de inglês em incluir esses alunos nas aulas da disciplina. No *eixo desafios e estratégias*, ela afirma:

Foram esses desafios que me instigaram a pensar nesta proposta de pesquisa, almejando apresentar atividades didáticas para serem utilizadas em sala de aula e, através disso, incentivar o ensino e a aprendizagem dessa língua de forma dinâmica e inclusiva para os alunos surdos do Alto Sertão da Bahia. A busca por uma educação inclusiva reflete o compromisso em construir ambientes escolares que acolham a diversidade em todas as suas formas (Oliveira, 2025, p. 15).

É nesse contexto que surge a sua pesquisa de mestrado. Seu trabalho apresenta contribuições relevantes para o contexto, já que apresenta os pontos de vista dos três pilares dessa relação de ensino-aprendizagem: o aluno, o professor e o intérprete.

Durante a aplicação do questionário, a pesquisadora conseguiu a partir das perguntas traçar a relação do aluno com o idioma e a sua principal dificuldade com a disciplina. Segundo ela, o aluno relatou achar que o aprendizado da língua é necessário para sua vida por ser uma língua global e que tem contato com ela a partir de vídeos legendados do Youtube, mas disse não saber se gosta de estudar inglês e que sua maior dificuldade com a disciplina seria a compreensão (Oliveira, 2025)

Para esses últimos fatores, a autora aponta que possam existir por o aluno ter começado a ter contato com o idioma recentemente, já que no ensino público o ensino de inglês se inicia no 6º ano. Além disso, menciona o fato de que a Libras é estruturada de forma visual-espacial, enquanto as línguas oralizadas se organizam a partir de estruturas lineares e fonemas, o que pode afetar a compreensão e relação do aluno com o idioma (Quadros, 2019 *apud* Oliveira, 2025).

Já com os profissionais entrevistados, ela conseguiu traçar os principais desafios enfrentados, suas concepções a respeito do

ensino do idioma para surdos e suas estratégias para atuar no contexto. Durante a entrevista, a professora ressaltou a importância do ensino de inglês para os alunos surdos por ampliar as oportunidades de vida dos estudantes e salienta que a universidade não prepara o professor de inglês para atuar nesse contexto e aponta que os principais desafios enfrentados para atuar no contexto são a falta de materiais adaptados e vídeos com legendas e tradução em Libras, além da comunicação com o aluno e a dificuldade de ensinar alguns tópicos por sua diferença com o português e a Libras (Oliveira, 2025).

Como estratégias para atuar no contexto, ela aponta que promove uma educação bilíngue a partir do inglês escrito e a Libras, além de adaptar as atividades para os alunos surdos ao fazer uso de recursos visuais e dividir a atividade em etapas menores para facilitar a sua compreensão (Oliveira, 2025). Essas estratégias podem ser consideradas relevantes e eficazes para a educação deste grupo, tendo em vista que os surdos enxergam e entendem o mundo visualmente e utilizar esses recursos pode tornar o aprendizado mais fácil e contextualizado com sua realidade, superando algumas das barreiras e desafios que surgem nesse contexto.

Já com a intérprete, ela traça a relação da profissional com a língua e sua concepção a respeito da relevância do aprendizado de inglês por alunos surdos. A profissional relata não ter estudado inglês durante a sua graduação em Letras LIBRAS e salienta que o curso não tem esse foco, além de declarar não estudar inglês. Ademais, aponta que não é possível fazer a tradução simultânea da aula de inglês, pois para isso o intérprete precisaria ter uma formação em inglês e revela a sua crença de que não é necessário que o aluno surdo aprenda o idioma, já que para ela, os alunos não sabem português que é sua segunda língua, não sendo o inglês útil em sua vida (Oliveira, 2025).

Contudo, essa é uma opinião capacitista e que não compreende que o aluno surdo está inserido em um mundo globalizado,

no qual o inglês é uma língua global, como apontado pelo aluno, sendo uma porta para inúmeros contextos e oportunidades, e é um direito do aluno surdo. Todavia, essa opinião não parece estar isolada a profissional, mas sim, aparenta ser um discurso veiculado frequentemente no contexto do ensino de inglês para surdos, o que acaba por impor obstáculos e criar um imaginário de que esse ensino seja algo impossível, impactando na sua qualidade, nos estudos e no interesse pela área.

Além disso, para a autora, o intérprete: “deve ser capacitado tanto em Libras quanto em língua inglesa, compreendendo suas estruturas gramaticais, vocabulário e contextos de uso” (Oliveira, 2025, p. 88). O que pode facilitar a interação do aluno com o idioma, além de facilitar a tradução dos conceitos abordados na disciplina.

Por fim, no *eixo contribuições* visualizamos a apresentação de uma sequência didática elaborada a partir das observações do contexto e formulada para atender as necessidades do aluno surdo observado com conteúdos do 7º ano, já que ele era 6º ano durante as observações. A sequência, desenvolvida com cinco aulas, tem como tema “My daily routine”, e a partir do uso de recursos visuais e tecnológicos, como jogos, vídeos com tradução simultânea de Libras e imagens, além da inclusão progressiva do conteúdo gramatical, iniciando com a aquisição de vocabulário, depois com a produção de frases menores, e, progressivamente, levando o aluno a conseguir, no final da sequência, produzir um pequeno texto sobre a sua rotina em inglês, consegue fazer com que o aluno surdo aprenda inglês de forma interativa e visual.

Essa dissertação é de extrema relevância para a produção científica da Bahia, já que a partir dela pode-se conhecer a realidade educacional de alunos surdos em uma cidade do estado, além de abordar desafios e estratégias para o ensino de inglês localmente, o que é raro no país e especialmente no estado. Além de ter dado origem ao próximo trabalho da autora, um ebook que apresenta a

sequência didática de sua dissertação de forma mais aprofundada, exemplificada e visual e que recebe o título de “Sequência didática de língua inglesa adaptada para alunos surdos em uma perspectiva inclusiva” publicado em 2025.

Além da sua dissertação e *ebook*, a autora juntamente com sua orientadora desenvolveram três trabalhos apresentados em eventos acadêmicos com os títulos: “O Ensino e Aprendizagem de Línguas Adicionais para Alunos Surdos” (2024), “Estratégias Didáticas como Componente Facilitador no Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa para Alunos Surdos na Educação Básica” (2025) e “Libras, Formação Docente e Ensino - Aprendizagem de Língua Inglesa para Alunos Surdos”.

Nestes artigos, a autora discorre principalmente sobre os desafios encontrados durante a sua pesquisa de mestrado ou em sua atuação no contexto, além de salientar estratégias encontradas para promover um ensino de inglês mais contextualizado para alunos surdos. Dentre essas estratégias, pode-se mencionar a educação bilíngue para surdos, na qual o inglês escrito é ensinado como segunda língua a partir da Libras (L1); o uso de recursos visuais, textos curtos, tirinhas, legendagem em vídeos e materiais de aula; a adaptação do ensino de forma individualizada para cada aluno surdo e o uso de inglês instrumental com foco em desenvolver a leitura desses alunos (Oliveira, 2023, 2024, 2025).

Seguindo um caminho similar, a autora Elisiane da Silva, em conjunto com sua orientadora Profa. Dra. Elisabete Barbosa, desenvolve uma dissertação de mestrado com o título “Leitura para aprendizagem de língua inglesa: uma proposta inclusiva aos alunos surdos” e a partir da sua dissertação desenvolve um livro digital com o título “(Re) desenhando o ensino de leitura em língua inglesa através da sequência didática: um produto educacional inclusivo aos alunos surdos” no qual apresenta a sequência didática produzida durante a pesquisa de mestrado.

No *eixo metodologia da pesquisa*, ela se configura como uma pesquisa-ação desenvolvida em uma escola de educação básica do município de Guaibim-BA a partir da entrevista de um aluno com surdez profunda matriculado na instituição. O aluno cursava no momento da pesquisa o 2º ano do ensino médio, foi apresentado com a idade de 37 anos e, embora acima da faixa etária para cursar o turno matutino, devendo ser um aluno de EJA, é um aluno da educação regular.

A autora focou no rastreio da relação do aluno com o aprendizado do idioma, rastreando suas principais dificuldades para então desenvolver uma sequência didática focada no desenvolvimento da leitura no idioma por alunos surdos. Durante a entrevista, o aluno relatou ter dificuldade com a língua inglesa por considerá-la difícil e diferente da Libras, mas ressalta que faz uso da língua no seu dia a dia através de redes sociais e Youtube.

Ao ser questionado em relação às aulas de inglês, é possível perceber por meio de suas respostas e pelas conclusões da pesquisadora, que o professor da disciplina faz a integração do aluno dentro da sala de aula, mas não a sua inclusão, deixando o foco do aprendizado do aluno na tradução dos textos a partir de aplicativos fazendo pouco ou nenhum uso de recursos visuais ou outras estratégias de leitura com o aluno. Sendo inclusive relatado pelo aluno que tem mais facilidade quando o professor manda imagens e que ele gostaria que o professor fizesse mais uso desses recursos nas aulas.

Fica evidente entre as duas pesquisas, como o ensino de inglês para estes alunos se dá de formas diferenciadas. Já que na primeira pesquisa, a professora faz adaptação das atividades para enquadrá-las ao aluno surdo na medida do possível, fazendo o uso de recursos visuais. Enquanto nesse segundo caso, o professor faz o movimento contrário, adaptando o aluno a atividade, ou seja, dando ferramentas para o aluno se integrar ao ambiente e não o contrário, o que não se configura como uma ação inclusiva.

Considerando o *eixo contribuições*, a partir do rastreo do contexto, a autora desenvolve uma sequência didática que utiliza a metodologia de ensino Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), dividida em três etapas: “Engajamento, Representação e Ação e Expressão” (Costa, 2024). Devendo cada uma auxiliar a flexibilizar o ensino, e respectivamente, engajar o aluno com o conteúdo, apresentar e abordar o conteúdo e receber uma devolutiva do aluno sobre o que aprendeu, cada uma de diferentes maneiras.

Nela, faz uso de diferentes recursos visuais, como flash cards e jogo da memória, seguindo as etapas da metodologia supracitada com o objetivo de aprimorar a habilidade de leitura do aluno na temática do cuidado com a saúde física e mental. A partir da leitura da sequência, pode-se inferir que é uma sequência efetiva, lúdica e inclusiva que poderá não só facilitar na inclusão do aluno surdo na aula da disciplina, como atingir outros alunos tornando o aprendizado da língua mais fácil e contextualizado para todos.

Outra autora que seguiu uma temática e caminho metodológico similar em sua pesquisa de mestrado foi Milena Oliveira Santos Luz (2024). No eixo *metodologia de pesquisa* observamos que foi desenvolvida uma pesquisa-ação no município de Valença-BA com o objetivo de analisar como a Libras (L1) e a língua portuguesa (L2) influenciam na aprendizagem da língua inglesa (L3) para aprendizes surdos apresentando os dados de forma explicativa.

Para realizar a pesquisa e coletar dados, ofereceu um minicurso para um grupo de dez surdos entre 18 e 63 anos alfabetizados tanto em Libras quanto em língua portuguesa com o objetivo de desenvolver a leitura e a escrita do grupo em língua inglesa. O curso foi ofertado com a duração de 120h, com três encontros semanais de 5h/aula e uma abordagem sócio-interacionista e comunicativa utilizando materiais autênticos desenvolvidos para atender as necessidades cognitivas do grupo.

Durante o curso, a autora menciona que abordou conteúdos básicos do ensino da língua como adjetivos, o imperativo etc. Para abordá-los utilizou-se de slides, teatro, jogos, discussões sobre temas variados que os levaram a interagir com o idioma. Além disso, o idioma foi trabalhado simultaneamente a partir da Libras e do Português, estando as três línguas presentes na maioria dos materiais.

Segundo ela, a partir do curso, os alunos puderam desenvolver conhecimentos básicos e ampliar seus conhecimentos sobre o mundo, tendo sido assíduos durante toda a duração do curso apesar dos desafios apresentados pelo contexto social, como toques de recolher que ocorreram no período, ou até mesmo por questões pessoais e de trabalho.

No *eixo desafios e estratégias*, observamos com a sua pesquisa como as duas línguas influenciam fortemente o aprendizado dos alunos surdos em língua inglesa durante o curso, já que muitas vezes durante as aulas buscavam semelhanças em português ou Libras para compreender termos que não conheciam. Ela evidencia essa influência descrevendo o desenvolvimento das atividades e a demonstra discutindo momentos do curso como quando os alunos para entender a palavra em inglês “name” a associam com “nome”.

Outro exemplo mencionado pela autora foi quando os estudantes ao não entenderem o significado da palavra em inglês “nickname”, a professora utilizou-se do conceito de “sinal” em Libras, uma forma mais prática de chamar a pessoa na linguagem de sinais, para explicar que seria uma forma mais rápida de se referir às pessoas, apesar de não terem exatamente o mesmo significado

Essa influência também foi evidenciada durante as produções escritas, já que muitas vezes produziam textos e frases baseadas na estrutura linguística da Libras, produzindo frases sem sujeitos como “like apple” e etc. Porém a autora salienta que o nível de influência de cada uma no aprendizado da língua inglesa depende muitas vezes do nível de fluência do aluno em língua portuguesa.

No curso, havia alunos com o ensino médio completo e alunos que tinham apenas o ensino fundamental I ou II completo. Essa diferença de escolaridade demonstrou como alunos com uma maior fluência na língua portuguesa a utilizavam mais para compreender e produzir em língua inglesa, enquanto os alunos com menor fluência utilizavam mais a Libras para compreender e produzir as atividades propostas.

No *eixo contribuições*, compreendemos com a sua pesquisa que, independente da diferença de escolaridade, a pesquisadora conseguiu construir um espaço multilingual que permitiu que os alunos convivessem com as três línguas ao mesmo tempo, o que para ela proporcionou um aprendizado tanto na língua inglesa quanto na língua portuguesa. Sendo o último ressaltado pela autora como algo de extrema importância e urgência para a vida dos surdos e sua sobrevivência no mundo ouvinte.

Seu trabalho é de grande relevância para mostrar como a Libras funciona como um facilitador da aprendizagem do aluno surdo da língua inglesa, sendo necessária a sua inclusão no ensino desse idioma independente do contexto. Além disso, ajuda a perceber a importância dos recursos visuais no aprendizado de inglês por alunos surdos e como este é possível mesmo diante de pouco ou nenhum conhecimento de português, desde que sejam utilizados as estratégias adequadas para incluir e facilitar o aprendizado destes alunos, os colocando e sua forma de enxergar o mundo como foco na hora de desenvolver as atividades.

E, embora não tenha sido desenvolvido com alunos em idade escolar, nem dentro de uma instituição educacional, o que pode ter isentado a pesquisa dos desafios vivenciados no ensino da disciplina dentro da escola, o trabalho consegue apresentar estratégias reais e funcionais que podem ser utilizados por professores que atuam no contexto para incluir o aluno surdo no desenvolvimento das atividades de forma mais efetiva, especialmente através do uso dos sinais

de Libras nas atividades para facilitar a compreensão das palavras em inglês que podem ser encontrados facilmente online.

Por fim, tem-se o Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Maria Arlete Rodrigues da Silva (2019). Em seu trabalho, quanto ao *eixo metodologia da pesquisa*, foi desenvolvida uma revisão sistemática dos trabalhos que falavam sobre ensino de língua inglesa para alunos surdos no período de 2009 a 2019 em todo o país. Ao todo, foram localizados 18 trabalhos que se enquadraram nos seus critérios de pesquisa e ela apresentou os dados encontrados em cada um deles utilizando quadros que apresentavam a metodologia de pesquisa, título, contribuições, dentre outros tópicos selecionados.

O que chama atenção é que dos trabalhos selecionados, apenas um foi produzido na Bahia, na UFBA, e o trabalho nem mesmo tem foco no ensino de língua inglesa para surdos, sendo ele um trabalho desenvolvido por Côrtez (2016) com o título “As políticas linguísticas públicas e a educação dos surdos na cidade de Conceição do Coité”. Quanto ao *eixo contribuição* este trabalho ressalta ainda mais a expressiva lacuna de trabalhos com a temática no estado da Bahia, considerando que seis anos depois da sua publicação, apenas nove novos trabalhos foram desenvolvidos nesse período, tendo uma alteração mínima no quadro de trabalhos desenvolvidos dentro do estado da Bahia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário apresentado revela uma lacuna significativa na produção científica relacionada ao ensino de inglês para surdos nas instituições públicas de ensino superior do estado da Bahia. Como comprovam as estatísticas, os dados demonstram que ainda não existe um reconhecimento da necessidade real de olhar com mais atenção e empenho para uma realidade que está posta há muitos

anos. Com o levantamento desses estudos, alguns questionamentos surgem: o que é realmente necessário para que os alunos surdos tenham acesso à Língua Inglesa? Será que os professores de inglês devem aprender Libras ou os intérpretes devem aprender Inglês? Que Inglês devem aprender? Será a Língua Inglesa de Sinais? A americana? A Britânica? E será que vamos nos deparar nas discussões sobre a Língua Franca de Sinais? São muitas vieses e vertentes e é justamente por isso que devemos nos colocar a caminho, já.

São os estudos sobre o ensino de inglês para surdos que podem nos apontar um caminho. Felizmente, já existem um número considerável de trabalhos que se ocupam da educação de surdos no geral, ou até mesmo com foco em outras disciplinas, relação de ensino-aprendizagem dessa língua para o grupo. A promoção de linhas de pesquisa e políticas voltadas para essa área nas instituições do estado, pode contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e metodologias de ensino mais fundamentadas, atualizadas e estratégicas, formuladas para o contexto sociocultural e educacional da comunidade surda baiana.

O fortalecimento dos estudos neste campo pode colaborar para a redução de disparidades históricas e sociais que marcam a trajetória educacional desses estudantes, levando a promoção de um ensino de qualidade para o grupo, com estratégias e metodologias que estejam de acordo com o contexto e realidade do estado, fomentando, assim, um ensino mais inclusivo, equitativo e alinhado às necessidades reais do grupo.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Marla Salete Fábio. **Saberes e Práticas da Inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento das necessidades educacionais especiais de alunos surdos. MEC, Secretária de Educação Especial, 2005.

BOTELHO, Paula. A linguagem e a surdez. *In*: **Espaço**: Informativo técnico-científico do INES, n. 20, dez. Rio de Janeiro, p. 13-19, 2003.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização**: surdez. 4. ed. Brasília, DF: Secretaria de Educação Especial, MEC, 2006. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2026.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm). Acesso: 17 de fevereiro de 2026.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**: Seção 1, p. 1, 4 ago. 2021. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm). Acesso em: 17 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 17 fev. 2026.

CARVALHO, Raquel Araújo Mendes. Desafios do ensino da língua inglesa para surdos. **Anais do VIII Seminário de Línguas Estrangeiras**: a formação e a prática de professores de línguas estrangeiras, 2013.

COSTA, Elisiane da Silva Souza Santos. **Leitura para aprendizagem de língua inglesa**: uma proposta inclusiva aos alunos surdos. Orientadora: Elisabete da Silva Barbosa. 2024. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Linguagem e Sociedade) - Departamento de Ciências Humanas (DCH VI). Universidade do Estado da Bahia. Campus VI, Caetité, BA, 2024.

COSTA, Elisiane da Silva Souza Santos; BARBOSA, Elisabete da Silva. **(Re) desenhando o ensino de leitura em língua inglesa através da sequência didática**: um produto educacional inclusivo aos alunos surdos. Departamento de Ciências Humanas (DCH VI). Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, Caetité, BA, 2024. 44 p. il.

DORZIAT, Ana. Educação e surdez: o papel do ensino na visão de professores. **Educar em Revista**, p. 87-104, 2004.

KÜHL, Yohanna Hemilly Katleen; DENARDI, Didiê Ana Ceni. Um olhar sobre ensino-aprendizagem de língua inglesa para surdos. **RE-UNIR-Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia**, v. 5, n. 2, 2018.

LUZ, Milena Oliveira Santos. **Escrita em língua inglesa por alunos surdos**: influências advindas da Libras e da língua portuguesa. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vivian Meira de Oliveira Cotinguiba. 2024. 136 fls. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus X. Teixeira de Freitas-BA. 2024.

OLIVEIRA, Valdineide Jesus; SANTOS CARVALHO, Eliana Márcia dos. Estratégias didáticas como componente facilitador no ensino e aprendizagem de língua inglesa para alunos surdos na educação básica. **Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas**, v. 6, n. 1, 2025.

OLIVEIRA, Valdineide Jesus de; CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos. **Sequência didática de língua inglesa adaptada para alunos surdos em uma perspectiva inclusiva**. Produto Educacional (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, Departamento de Ciências Humanas – DCH VI, Universidade do Estado da Bahia, Caetité, BA, 2025.

OLIVEIRA, Valdineide Jesus; SANTOS CARVALHO dos, Eliana Márcia. O Ensino e aprendizagem de línguas adicionais para alunos surdos. **Seminário Interdisciplinar em Ensino, Extensão e Pesquisa**, v. 6, 2024

OLIVEIRA, Valdineide Jesus. **Estratégias didáticas como componente facilitador no ensino e aprendizagem de língua inglesa para alunos surdos na educação básica na cidade de Caetité**. Orientadora: Eliana Márcia dos Santos Carvalho. 2025. 126f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade - PPGELS) - Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus VI, Universidade do Estado da Bahia, Caetité, BA, 2025.

OLIVEIRA, Valdineide Jesus. Libras, formação docente e ensino-aprendizagem de língua inglesa para alunos surdos. **VI Seminário de Educação**, 2023.

ORTIZ, R. **Mundialização**: saberes e crenças. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Maria Arlete Rodrigues da. **Ensino de língua inglesa para alunos surdos:** uma revisão sistemática. Orientadora: Dra. Juliana Cristina Salvadori. 2019. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa e Literaturas - DCH4) - Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2019.

SILVA, Claudney Maria de Oliveira. **O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês):** um desafio para professores e alunos. Orientadora: Maria Luisa Ortiz Alvarez, 230f. Dissertação de Mestrado. UnB. 2005.

SILVA, Eliete Antônia da. **Dos limites da lei aos preconceitos:** os portadores de deficiência e o difícil caminho da inclusão social no Brasil. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

**Shirlei Tiara de Souza Moreira**

Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta de Língua Inglesa do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana.

*E-mail: stsmoreira@uefs.br*

**Izabela Carneiro Almeida**

Graduanda do curso de Letras-Ingês da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora de Inglês da rede privada de ensino.

*E-mail: izabelacaralm@gmail.com*